

GÊNERO NAS DISCIPLINAS ESCOLARES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: PERCEPÇÕES DOCENTES.

Júlia Dionísio Cavalcante da Silva (1)
Maria Jacqueline Girão Soares de Lima (2)

(1) *Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense*, julia.dcsilva@gmail.com

(2) *Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense*, giraojac@gmail.com

Resumo:

Enunciados e descrições biológicas acerca das diferenças sexuais entre os indivíduos podem funcionar como uma fonte de argumentos e discursos deterministas sobre os comportamentos, papéis e expectativas sociais para os indivíduos. Neste sentido, as disciplinas escolares de Ciências e Biologia representam espaços cruciais para possíveis processos de desconstrução de concepções preconceituosas e discriminatórias sobre gênero. O objetivo da presente pesquisa é analisar como as temáticas de gênero se inserem nas aulas de Ciências e Biologia a partir da perspectiva de docentes da área. Para tanto, relatos de professores e professoras destas disciplinas foram coletados através da aplicação de questionários *online* e analisados levando em conta as diversas percepções sobre gênero presentes na sociedade e na comunidade escolar.

Palavras-chave: gênero, docentes, ciências, biologia, disciplina escolar.

Introdução:

O presente trabalho corresponde à ampliação de um segmento empírico de uma pesquisa de mestrado em andamento, onde buscamos compreender de que formas a temática de gênero se integra às disciplinas escolares de Ciências e Biologia a partir da perspectiva de professoras e professores da área. Os dados aqui descritos representam a etapa preliminar da pesquisa e visam delinear um panorama sobre as formas de abordagem das questões de gênero no contexto escolar.

Este trabalho tem por objetivos compreender como *gênero* chega às salas de aula de Ciências e Biologia, as estratégias didáticas mobilizadas por docentes destas disciplinas e as respostas que este movimento produz na escola. Comentários e relatos de professoras e professores de Ciências e Biologia que atuam no Rio de Janeiro foram obtidos através do lançamento de questionários *online*, em que as/os participantes forneceram suas impressões sobre a utilização da temática de gênero em salas de aula. É importante destacar que o *gênero* ao qual me refiro diz respeito à construção de desigualdades sociais, políticas e econômicas baseadas em caracteres

sexuais. Isto é, como marcadores inscritos no corpo, neste caso reprodutivos, fazem parte dos processos de construção de desigualdades entre homens e mulheres.

O conceito de *gênero*, assim como suas implicações e desdobramentos sociais, é embasado por prescrições biológicas sobre sexo e reprodução. Enquanto *sexo* remete a aspectos anatômicos e fisiológicos, *gênero* corresponde às imposições construídas em torno do sexo dos indivíduos, denotando hierarquia e assimetrias sociais, políticas e econômicas (GUIDDENS, 2005).

Segundo autoras como Scott (1995) e Fausto-Sterling (2001), alocar *sexo* e *gênero* e campos de conhecimento diferentes dificulta a apreensão do verdadeiro significado sociocultural desta dupla conceitual. Para as autoras, em especial Fausto-Sterling (2001), tanto *sexo* quanto *gênero* correspondem a um constructo social interconectado, em que enunciados biológicos acerca da natureza trazem consigo concepções sociais sobre os indivíduos, seus comportamentos e expectativas afetivas e reprodutivas.

Esta relação entre determinações biológicas e imposições sociais não passa despercebida nas salas de aula de Ciências e Biologia, principalmente quando temas sobre reprodução, sexualidade e corpo humano são levantados. Neste sentido, as Ciências Biológicas representam um frutífero campo de reflexões acerca de questões sociais e um espaço de constante disputa entre discursos científicos e sócio históricos (SENKEVICS & POLIDORO, 2012).

Assim, as disciplinas escolares de Ciências e Biologia são estratégicas devido ao potencial de desconstrução de ideais deterministas sobre gênero – assim como raça e sexualidade – na formação científica de novas gerações. Neste sentido, a percepção de professoras e professores de Ciências e Biologia é fundamental, pois suas exigências profissionais demandam o contato com múltiplas perspectivas sobre *gênero* – suas próprias e as de toda a comunidade escolar.

Dentro deste contexto, professores e professoras, assim como a escola, são capazes de colaborar com vias opostas de construção da sociedade, podendo atuar tanto para a manutenção e reprodução de valores sociais e culturais dominantes, quanto para a denúncia e desconstrução destes mesmos valores (TRAGTENBERG, 1985). Esta controvérsia advém de disputas constantes, de cunho cultural e político, que são travadas no campo da educação. Desta forma, todo um espectro de interesses entre conservadores e progressistas encontra-se representado na multiplicidade de origens e concepções de sociedade da comunidade escolar, portanto, demandas antagônicas convivem simultaneamente (PIMENTA, 1999).

Assim, enquanto *gênero* consiste em um profícuo campo de debates e reflexões acerca das diferenças entre os indivíduos, interesses conservadores o consideram inadequado como proposta

curricular. Desta forma, mesmo que o Brasil apresente índices alarmantes de violência contra mulheres e LGBTT's¹, a temática que poderia modificar esta condição a partir da formação escolar para a cidadania ainda encontra resistência para se fazer presente no espaço escolar de maneira efetiva.

Compreender as nuances do movimento de entrada e mobilização das temáticas de gênero na escola representa uma contribuição com possíveis processos de mudança social centrados na perspectiva da docente da educação em Ciências e Biologia.

Metodologia:

A metodologia adotada é qualitativa, baseada na análise de relatos e comentários de docentes de Ciências e Biologia acerca da temática de gênero, obtidos através de questionários *online*, lançados através da plataforma de pesquisas em rede *Google Formulários*². Dentro do período em que os questionários estiveram abertos para entrada – entre 25 de outubro de 2017 e 25 de janeiro de 2018 – 37 respostas foram obtidas.

As 18 perguntas que compunham os questionários tratavam da temática de gênero e sexualidade³ no ensino de Ciências e Biologia e as respostas obtidas foram organizadas em duas categorias principais: (a) utilização da temática – que visa analisar as formas como a temática de gênero adentram o espaço escolar de Ciências e Biologia e as maneiras como docentes lançam mão desta entrada como ferramenta didática. (b) desdobramentos da ação docente – que busca observar como a comunidade escolar responde à utilização do gênero e suas ramificações no contexto de sala de aula. Isto é, como discentes e seus familiares, demais docentes, funcionários e administradores reagem à abordagem desta temática no contexto escolar.

Estas categorias foram determinadas a partir da observação dos resultados da empiria e trechos representativos das porções discursivas do questionário foram selecionados para compor e ilustrar os tópicos analíticos.

Resultados e Discussão:

¹ Fonte: Mapa da Violência, 2015 e 2016. Disponíveis em <<https://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em 10 de março de 2018; Relatório 2016 – Assassinatos de LGBT no Brasil, Grupo Gay da Bahia. Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acesso em 10 de março de 2018.

² Disponível em <https://docs.google.com/forms/u/0/>. Acesso em: 25 de outubro de 2017.

³ Gênero e sexualidade costumam ser trabalhados em conjunto, principalmente nas escolas. Esta articulação para a coleta de dados tem como objetivo compreender as percepções docentes sobre os conceitos e entender a eficácia da abordagem conjunta dos conceitos.

Do total de participantes (37), apenas 2 apontaram que não abordam temáticas de gênero ou sexualidade em suas aulas, apesar de serem solicitados pelo/as discentes, os docentes não justificaram seus motivos. Os/as demais (35) apontaram que utilizam a temática cotidianamente em suas aulas.

Em termos de formas de abordagem das temáticas, as respostas *em associação aos temas previstos no currículo de Biologia, quando solicitado por estudantes e iniciativa própria* foram as mais indicadas. Como previsto, os conteúdos de Biologia presentes nos currículos representam uma fonte de articulação entre as temáticas de gênero e sexualidade, assim como as solicitações discentes.

A iniciativa própria é um aspecto importante pois aponta a ação dos/as professores/as a partir de razões outras que não currículos e dúvidas dos/as estudantes. Abaixo, comentários de duas professoras que ilustram este tópico:

Trabalho também por iniciativa própria, mas que está sempre ancorada no fazer da sala de aula. Algo que eu observei e discuto com eles. Ou algo que aconteceu na semana e discuto com eles. Mesmo a iniciativa própria me parece ancorada no currículo. Não nos documentos curriculares, mas nos currículos construídos e vividos na escola (Raquel).

Durante as aulas observo diversos casos de manifestação de machismo e percebo que grande parte dos professores optam por ignorar o que aconteceu ou dar uma bronca sem discutir o fato. Então sempre procuro utilizar das manifestações dos próprios alunos para trazer à tona debates que seriam muito mais difíceis de se realizar distanciado da realidade deles. Terená).

Os trechos de Raquel e Terená, que lecionam Ciências para o segundo segmento do Ensino Fundamental, apontam que as situações que se desdobram na própria sala de aula são favoráveis para a introdução de reflexões acerca de questões de gênero e sexualidade. Fica evidente que a ação de ambas é motivada por questões próprias, pois Terená admite que outros colegas optam por não explorar o tema nas situações que presenciam e Raquel destaca que discute o que observa no cotidiano. As situações observadas em aula criam a oportunidade de reflexão e aproxima as temáticas da realidade dos/as estudantes, tornando as relações de gênero tangíveis e melhor compreensíveis.

O trecho de Raquel é significativo por conta de suas percepções acerca dos currículos: para a professora, as exigências curriculares são amplas e profundamente assentadas nas vivências escolares. Ou seja, o que está oficialmente previsto nem sempre está em consonância com as necessidades e demandas das salas de aula.

Os conteúdos curriculares citados como *impulsionadores* de discussões sobre as temáticas podem ser agrupados em quatro temas: (i) corpo humano e reprodução, que envolve sistemas e órgãos genitais, genética, fisiologia humana, sistema reprodutor e evolução; (ii) educação sexual, agrupa os temas DST's, aborto, gravidez e preservativos; (iii) gênero, com os temas diferenças entre sexo e gênero, conceito, papéis, identidade e “ideologia” de gênero, papel da mulher na sociedade e machismo; (iv) sexualidade, com homossexualidade, transexualidade, cirurgias de redesignação de sexo, prazer sexual, “homossexualismo”, homofobia e transfobia. Os trechos transcritos abaixo trazem alguns dos principais assuntos citados:

Praticamente todos os conteúdos, desde assuntos mais biológicos, como ciclo menstrual e sistemas genitais, quanto nos campos sociais, como identidade de gênero (Rodrigo).

Papéis de gênero, corpo feminino e orientação sexual (Pedro).

As questões relacionadas ao funcionamento do corpo. E as identidades de gênero, principalmente as que diferem do padrão binário homem-mulher. Também já conversamos, mas sem grandes dúvidas ou divergências, sobre o papel da mulher na sociedade e o machismo (Raquel).

Orientação sexual, questões de gênero, transexualidade, prazer sexual (Maira).

Genética (determinação genética de sexo), sistema genital, mulheres na ciência (Camila).

Como esperado, reprodução e corpo humano foram os conteúdos mais citados, por tratarem de pares reprodutivos e suas diferenças anatômicas e fisiológicas. Senkevics & Polidoro (2012) remetem a esta questão ao avaliarem a Biologia como um campo de interface com a sociologia. Para os autores, enunciados e descrições biológicas dialogam com as prescrições sociais e vice-versa.

Para Louro (1997), tanto o *gênero* quanto a sexualidade correspondem a constructos sociais referenciados por definições sexuais, muito mais assentados em fatores históricos e culturais do que em determinações biológicas. Neste sentido, a articulação entre Sociologia e Biologia consiste em uma ferramenta crucial para a docência, pois permite que conceitos como *sexo*, *gênero* e *sexualidade* sejam abordados de forma integrada, já que descrições sobre a vida e sobre a sociedade estão em constante diálogo.

Um desafio do ensino de Biologia com as temáticas de gênero e sexualidade é justamente promover reflexões acerca de questões sociais e históricas, sem permitir que seus conceitos e enunciados sejam sequestrados por discursos deterministas e utilizados para reproduzir e justificar comportamentos preconceituosos e discriminatórios.

Com relação às perguntas sobre a comunidade escolar, as respostas dos/das participantes apontam para um cenário dúbio em termos de estímulos, pois enquanto existem as demandas, especialmente por parte de discentes, muitos/as ainda resistem ao tema. 42% dos/das docentes participantes apontaram que sentem algum tipo de resistência à utilização da temática. Este grupo apontou estudantes, familiares, colegas de profissão e a própria administração escolar como resistentes às discussões. Os trechos abaixo descrevem algumas impressões sobre o tópico:

Alguns alunos tendem a questionar com argumentos prontos que assistem na televisão, como "Deus criou Adão e Eva, não Ivo". Mas sempre escutam, sempre saem refletindo depois da aula. A oposição não é a conversar sobre o assunto em si, mas sim a diversidade de gênero, orientação e identidade sexual. Eles normalmente querem conversar sobre o assunto (Bruno).

As resistências de alunas e alunos podem surgir desde a ausência numa aula programada, até à nítida falta de participação em aula. Já as resistências familiares são mais explícitas, atingem diretamente a direção da escola através até mesmo de judicialização. Por se tratar de uma escola federal e de ampla visibilidade [em que Felipe leciona], as resistências emergem também em grupos não vinculados à escola, como juízes e conselheiros tutelares (Felipe).

A influência disso [temáticas de gênero e sexualidade] na tradição familiar e no respeito aos grupos envolvidos (Gabriel).

Infelizmente descobria a pouco que temos professores que são contrários a que este tipo de temática seja abordada dentro de sala de aula, apesar de termos um número expressivo de alunos/as que seriam contemplados (Sandra).

Negação das desigualdades de gênero; comentários machistas, homo/transfóbicos; não participação na aula. Pela primeira vez, trabalho em uma escola onde não me sinto à vontade de tratar esta temática (Camila).

Ultimamente das famílias, que não estão aceitando esse tipo de abordagem. Mas, já trabalho com o tema desde o final da década de 90 (Aline).

Na verdade, o volume de conteúdos curriculares atrelados ao curto tempo em sala de aula e a indisciplina dos alunos torna muito complicado o desenvolvimento de temas transversais e paralelos à disciplina. Em algumas escolas ainda esbarramos com um perfil mais tradicional de família o qual se desagrada desse tipo de abordagem em sala de aula (Lana).

As manifestações de oposição mencionadas não estão restritas a grupos específicos e advêm principalmente das discussões que envolvem sexualidade e relações afetivas. Neste sentido, Bruno, Felipe e Gabriel apontam fatores religiosos e conservadores no âmago dos discursos preconceituosos, principalmente relacionados a questões familiares e referenciais prévios aos da escolarização. Estes aspectos percebidos pelos/as docentes demonstram, ainda que de maneira local, as concepções acerca de gênero e sexualidade que circulam na sociedade e o papel que outros atores e instituições – religiosas e jurídicas – têm sobre as decisões no espaço escolar.

Camila aponta questões como desigualdade de gênero e machismo, assuntos que também foram levantados anteriormente por Terená. Para as professoras, o comportamento dos/das estudantes representa um empecilho para as discussões e a falta de apoio de colegas e da própria administração escolar, como também descreveram Sandra e Aline, representam dificuldades ainda maiores. Além disso, Lana cita a falta de tempo hábil para utilizar os temas transversais, o que representa um obstáculo até mesmo para a utilização dos conteúdos curriculares previstos.

O trecho de Felipe, que leciona para os Ensinos Fundamental e Médio, descreve diversas formas de resistência. Para o professor, a comunidade escolar manifesta-se de maneira diferente sobre o assunto, o que expressa a diversidade de concepções acerca das temáticas. A judicialização, destacada por Felipe, evidencia a influência de interesses privados, representados por prescrições e convicções conservadoras, nos espaços coletivos de educação.

Apesar das impressões descritas acima expressarem um panorama negativo à utilização das temáticas, outros/as participantes apontaram que se sentem estimulados positivamente. Os trechos transcritos abaixo expressam a importância dos espaços de coordenação pedagógica e administrativos:

Dentro da própria equipe da Coordenação de Biologia da unidade Maracanã formulamos uma proposta curricular que incluísse a temática de gênero e sexualidade. Este currículo está em implementação desde 2013 na unidade em que trabalhamos (Leonardo).

O currículo construído para o CEFET/RJ possui um Núcleo Temático chamado Reprodução, Corpo e Sexualidade, onde o tema é abordado (Maicon).

Sou diretora de escola. Alguns pais trazem o tema em reuniões, então abordo o tema (Beatriz).

Na escola pública que trabalho, não. Pelo contrário, há um estímulo a isso. Na escola particular, não há uma oposição formal, mas há, em certos comentários ouvidos entre colegas professores e certos alunos, resistência às discussões de gênero. Mas há, principalmente, por parte de algumas alunas, o desejo de discutir essas questões (Pedro).

Leonardo e Maicon apontam propostas curriculares organizadas em equipe e utilizadas como norteadoras, demonstrando que as decisões sobre utilização da temática nas aulas de Biologia partem de um núcleo organizado inserido na gestão da escola. Proposta diferente da observada nos trechos anteriores, em que as professoras Raquel e Terená expressaram que o diálogo sobre o assunto se centrava no contexto da sala de aula e na relação docente-discente. O trecho de Beatriz, que é diretora de escola, também merece destaque, por apontar que a temática chega à escola por meio de solicitações de familiares e que por isso a aborda. O trecho de Beatriz, que é diretora de

escola, também merece destaque, por apontar que as temáticas chegam à escola por meio de solicitações de familiares e que por isso as aborda.

Para Pedro, que atua em escolas públicas e privadas, o ambiente das escolas públicas acolhe e estimula positivamente a abordagem das temáticas. Sensação que, segundo o professor, não se repete nas escolas privadas.

Considerações Finais:

Embora o lançamento do questionário tenha sido inicialmente motivado pela necessidade de estabelecer parâmetros para outras etapas empíricas da pesquisa, acredito que os dados aqui descritos constituem um segmento importante para as análises, pois exprimem um contexto que envolve, simultaneamente, acolhimento e oposição às discussões e reflexões sobre gênero no contexto escolar. Assim, docentes, discentes, familiares, funcionários, administradores e conselheiros têm opiniões conflitantes acerca do assunto, uma controvérsia que envolve os valores culturais e motivações políticas presentes na comunidade escolar. Guardadas as devidas proporções, este panorama se assemelha ao observado na sociedade de maneira geral.

Os/as participantes da pesquisa destacaram que a temática de gênero e sexualidade é uma demanda constante que permeia diversos conteúdos disciplinares de Ciências e Biologia, ensejando debates que articulam prescrições científicas sobre a vida aos desdobramentos sociais das diferenças sexuais. É interessante perceber o papel dos componentes curriculares na abordagem das temáticas, demonstrando o quanto as percepções sobre natureza e sociedade/cultura fazem parte do imaginário social, principalmente em questões de cunho biológico.

Pretendo explorar com mais cuidado estes aspectos nas demais etapas de coletas de dados da pesquisa, pois acredito que outros fatores possam entrar em cena, como formação na licenciatura, contexto geracional da atuação docente para as temáticas e o impacto da conjuntura política sobre o espaço escolar.

Referências:

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em Duelo. *Cadernos Pagu*. (17/18), p. 9-79, 2001/2.

GIDDENS, A. *Gênero e sexualidade*. In: _____. (org.). Sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Artmed, 4ª ed., 2005.

LOURO, G.L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista* –Petrópolis, RJ, Vozes, p. 14-36, 1997.

PIMENTA, S.G. *Formação de professores: identidade e saberes da docência*. In: ____ (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SENKEVICS, A.S. POLIDORO, J.Z. *Corpo, gênero e ciência: interface entre biologia e sociedade*. Revista da Biologia, 1 (9): 16-21, 2012.

SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, 20 (2): 71-99, 1995.

TRAGTENBERG, M. *Relações de Poder na Escola*, 1985. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ln/v1n4/a21v1n4.pdf>> Acesso em 14 de jul. 2017.